

Se trata, por lo tanto, de una obra de referencia inexcusable, que acopia una cantidad ingente de información necesaria para todos cuantos quieran introducirse o saber de las comunidades cristianas ortodoxas orientales.

JUAN PEDRO MONFERRER-SALA
Universidad de Córdoba

DAVIS, Stephen J., *Coptic Christology in Practice: Incarnation and Divine Participation in Late Antique and Medieval Egypt*, «Oxford Early Christian Studies», Oxford: Oxford University Press, 2008, xvii + 371 pp. ISBN 978-0-19-925862-8

Todos sabemos que as divisões eclesiásticas de que sofre hoje o cristianismo em “Terras do Islão” remontam a formulações diferenciadas da mesma fé essencial na pessoa de Jesus de Nazaré, tais como as ditaram as circunstâncias sociopolíticas e as escolas filosófico-teológicas da Baixa Antiguidade, mormente dos séculos V-VI. O período do colonialismo europeu ou euro-americano dos últimos dois séculos veio complicar a situação ao introduzir, dentro das comunidades etno-linguísticas (siríacas, coptas ou arménias, mas também de tradição heleno-bizantina), mais divisões e confusões com as “variantes” ocidentais do catolicismo romano e do protestantismo - aqui com o leque das suas próprias igrejas e seitas.

É bom encontrarmos uma investigação - pensamos bastante original - que incida directamente na cristologia duma dessas comunidades enquanto vivência concreta, tal como se manifesta nos ritos e nas práticas do culto religioso: textos litúrgicos, homilias ou outros tipo de “discursos”, culto dos santos, peregrinações, arte religiosa. A par dos textos apologéticos surgidos no quadro da nova ordem arabo-islâmica, quer dizer, na sequência da “revolução” ao mesmo tempo linguística, cultural, religiosa e política, iniciada timidamente em meados do século VII mas com um impacto real e irreversível três centúrias mais tarde, com o início efectivo da literatura copto-árabe.

Efectivamente, essa junção entre teoria e prática averiguou-se constituir uma característica emblemática da comunidade copta desde o século V, permitindo entender e julgar a sua fé cristológica. No fim da sua

Introdução (p. 55), como que sintetizando os resultados do seu próprio estudo, Davis escreve o seguinte: “With regard to views of the Incarnation and human participation in the divine [...] Athanasius’ and Cyril’s ‘realistic’ and ‘sacramental’ models of participation were the ones that came to be determinative for later Coptic theology and practice. [...] In Egypt, the cultural and linguistic translation of Alexandrian Christology from Greek to Coptic, and later into Arabic, was mediated not only through the production of theological literature, but also (and often more primarily) in the liturgy and in a host of other ritual settings where beliefs about Christ could be put into regular practice [and lead to personal enacting of the mysteries]”.

A obra divide-se em 3 partes, enquadradas por uma longa “introdução” histórico-dogmática” (pp. 1-55) e um breve *Postscript* sobre a cristologia na teologia copta moderna (pp. 271-278).

Sob o título “Coptic Literature and Liturgy” (pp. 59- 107), o autor estuda, na Parte I, os temas da Encarnação e da prática ritual nos escritos parenéticos do grande abade Shenute de Atriipe, na Tebaide ou Alto Egípto (séc. V = cap. 1), e da cristologia expressa na liturgia eucarística copta (cap. 2).

Na 2ª Parte, com mais dois capítulos e o título geral de “Bodies, Practices, and Sacred Space” (pp. 111-197), apresentam-se as manifestações cristológicas, por um lado, nas peregrinações e no culto dos santos (incluindo o ciclo da Santa Família no Egípto) e, por outro, na arte: as imagens nos vestidos (os famosos têxteis coptas...) e nos monumentos sagrados: as pinturas murais recentemente desveladas e estudadas.

Pars III, sobre arabização e encontro islamo-cristão, consta também de dois capítulos (5-6, pp. 201-270). No primeiro, o autor expõe o mistério da Encarnação e a apologética cristã segundo a escrita do bispo d’al-Ašmūnayn, Severo/Sāwīrus Ibn al-Muqaffa’, o fundador da literatura copto-árabe da segunda metade do século X, já em pleno contexto islâmico.

No segundo, traça a cristologia em alguns escritos da idade de ouro desta literatura, que coincide com o século XIII/XIV (VII/VIII da era islâmica).¹

Um duplo apêndice ilustra as análises anteriores, proporcionando a tradução de alguns trechos coptas do supra mencionado Shenute (pp. 279-291) e, a seguir, capítulos ou trechos de obras copto-árabes medievais: o já citado bispo Severo (escrita autêntica ou *spuria*); mais Paulo/Būlus al-Būšī (bispo de Fustāt, Antigo Cairo); al-Şafī Abū 'l-Faḍā'il Ibn 'Assāl e seu meio-irmão al-Mu'taman Abū Ishāq, todos os três de meados do século XIII, da tal idade de ouro. Finalmente (pp. 316-318), um texto de tipo raro, a *Refutação do calvinismo* do Patriarca Mateus IV (r. 1660-1675).

De facto, a investigação de Davis não podia ser exaustiva. Em consonância com as correntes modernas na investigação histórica, o *corpus* que serve de base, nos diferentes capítulos, é exemplificativo e – podemos dizê-lo – efectivamente representativo, traçando quadros gerais de hermenêutica textual ou abrindo perspectivas para estudos e aprofundamentos futuros.

O livro termina com as bibliografias e os índices do costume. Ao percorrer as páginas dos estudos referidos e das fontes secundárias, como de todo o livro, nota-se o grau de seriedade e empenho postos na investigação em causa: bibliografia bastante actualizada, se bem que privilegiando a de língua inglesa em relação à francesa ou alemã; obras de reflexão teórica, sociológica ou antropológica, presidindo à análise dos

¹ Sobre esse período espantoso, permitimo-nos chamar a atenção para o nosso estudo “La Renaissance copte arabe du Moyen âge”, in *The Syriac Renaissance*, ed. H. TEULE *et al.*, «Eastern Christian Studies» 9 (Leuven: Peeters, 2010), pp. 311-340. Uma primeira versão muito mais sucinta foi publicada uns anos antes sob o título “The Copto-Arabic Renaissance in the Middle Ages: Characteristics and Socio-Political Context”, *Coptica* 1 (2002), 141-160. Ver agora o ensaio sociopolítico centrado no patriarcado de Cirilo III Ibn Laqlaq (r. 1235-1243, mas candidate desde 1216!) de Kurt J. WERTHMULLER, *Coptic Identity and Ayyubid Politics in Egypt – 1218-1250* (New York/Cairo: American University in Cairo, 2010), mais o nosso próprio ensaio “Families of Coptic Dignitaries (*buyūtāt*) in the Ayyūbid Period and the Golden Age of Coptic Arabic Literature”, apresentado na Fourteenth Conference on Egypt and Syria in the Fāṭimid, Ayyūbid and Mamlūk Period (Ghent, 11th -12th May 2011) e enviado para a revista *al-Masāq – Journal for Mediterranean Studies*.

textos, das práticas ou dos objectos. Houve também o cuidado de fornecer regularmente os equivalentes gregos, coptas ou árabes das palavras-chave, no texto principal como nas traduções.

Que nos seja permitido concluir esta nossa apresentação global com uns breves comentários.

Em primeiro lugar, convém realçar que o teólogo norte-americano Davis tem dedicado grande parte da sua investigação à Igreja copta. Vários dos seus estudos publicados meia dúzia de anos antes, se encontram retomados nesta sua obra. Mas deve-se assinalar em particular o livro importante *The Early Coptic Papacy: The Egyptian Church and Its Leadership in Late Antiquity* (New York/Cairo: American University in Cairo, 2004): uma aproximação histórica e socioreligiosa feita a partir da conhecida *História dos Patriarcas de Alexandria*, que forneceu ao autor uma base sólida para a investigação subjacente à presente obra.

A personalidade de S. Shenute de Atripe não é ainda muito conhecida fora dos meios coptológicos. Na verdade, é só nas últimas duas ou três décadas que se descobriu verdadeiramente o significado real deste abade do Alto Egipto, que reforçou e expandiu o monaquismo “comunitário” fundado por S. Pacômio pouco tempo antes. Além de ter forjado a língua copta “clássica” (no dialecto sahídico da sua região), foi quem melhor plasmou na sua escrita prolífica as sensibilidades religiosas e intelectuais do Egipto profundo. Citemos aqui as conclusões do estudo de Davis sobre esta figura e sua escrita, conclusões que vão no sentido do que se disse anteriormente sobre o modo como o povo copta assimilou e interiorizou o mistério cristão da encarnação divina: “What gives Shenoute’s writing its own particular texture is the way he forges a vital connection between such popular monastic discourses and the theological doctrine of the Incarnation in a local, Coptic-speaking setting. [...] In such ritualized practices, Shenoute’s monks were urged to see themselves performing their participation in the Incarnation, and thereby appropriating the life-gift of the Word made flesh in solidarity with their Alexandrian Fathers.” (p. 85).

O título do cap. 6, “From Alexandria to Cairo: The Medieval Golden Age of Copto-Arabic Christology”, pode levar o leitor a equivocar-se sobre

o alcance do “lema” escolhido pelo autor, pensando que é apenas no período em causa, o século XIII, que o centro eclesiástico e intelectual da Igreja copta passou de Alexandria para o Cairo (*al-Qāhira*), a nova capital fundada pelos fatímidas três séculos antes. Não é isso que Davis quer referir, mas antes aludir à passagem da teologia cristã egípcia do helenismo alexandrino ao arabismo “caiota” – à nova e definitiva “inculturação” da crença cristã. De facto, a sede do patriarcado passara já para Fustāt Miṣr, o dito “Antigo Cairo”, entre os séculos X e XI.² E o fundador da literatura copto-árabe, Abū ’l-Biṣr Sāwīrus, do século X, brilhara como expoente máximo da fé copta nos debates públicos ocorridos dentro das muralhas daquele novo centro religioso e intelectual, depois de se ter formado e trabalhado, como funcionário público, na próxima Fustāt. Só que, como o próprio Davis frisa, logo no início do capítulo em consideração (p. 237), o nosso Sāwīrus foi um pioneiro isolado, muito adiantado em relação à sua comunidade, devendo-se esperar mais dois a três séculos antes de surgir um escol de pensadores e teólogos cristãos plenamente arabizados no Egipto largamente islamizado.³

Em vários capítulos, fala-se da cidade de al-Ašmūnayn (*Šmūn* em copta), a antiga Hermopolis magna no Médio Egipto. Ora, na transliteração do nome árabe, este aparece sempre precedido pelo sinal do ‘*ayn* (a laringal fricativa sonora tão típica do árabe), enquanto se trata na verdade de um

² J. DEN HEIJER, “Le patriarcat copte d’Alexandrie à l’époque fatimide”, in *Alexandrie médiévale* 2, éd. Chr. DECOBERT, «Études alexandrines» 8 (Le Caire : IFAO, 2002), pp. 83-97, espec. pp. 84-87. É evidente, que os apontamentos bibliográficos que registamos nestas notas dizem respeito a estudos ou obras não mencionadas pelo autor.

³ Ver agora sobre tudo isso a série de três estudos nossos no prelo: o esboço global “From Coptic to Arabic in the Christian Literature of Egypt (7th-11th cent.)”, in *Proceedings of the International Conference “Life in Egypt during the Coptic Period”* (Bibliotheca Alexandrina, Sept. 2010), mais os estudos desenvolvidos de cada parte: “La Littérature copte à l’époque arabe (VII^e-XIV^e siècles)”, numa obra colectiva para a colecção *Hallesche Beiträge zur Orientwissenschaft* (Universität Halle-Wittenberg), e “Les débuts de la littérature copte de langue arabe (mi-X^e – mi-XII^e siècle)”, in *Actes de la 8^{ème} Journée d’Études Coptes (Louvain, juin 2011)*, éd. Anne BOUD’HORS & Catherine LOUIS, «Cahiers de la Bibliothèque Copte» 16 (Strasbourg: Université Marc Bloch; Paris: De Boccard, 2012).

hamza: a explosiva glotal que permite aqui desfazer o cluster consonântico inicial da forma copta, não tolerado em árabe. A verdade é que não sabemos se se trata de um mero lapso gráfico, pois o mesmo erro se repete no início de algumas palavras árabes transliteradas no texto.

Chama-se a atenção dos leitores que, no item “Primary Sources: Individuals Authors and Works” da bibliografia final, o mesmo enciclopedista copto-árabe Šams al-Ri’āsa Abū ’l-Barakāt Ibn Kabar (m. 1324) encontra-se logo no princípio sob a sua *kunya* (p. 319) e mais tarde sob o seu título honorífico (p. 327), com informações complementares...

Em mais de um lugar, o autor refere a tese em língua grega do investigador egípcio Joseph Moris Faltas sobre a influência d’Athanasius o Grande na teologia de Būlus al-Būšī (Atena, 1994). Convém notar, para quem não tem acesso a esta tese ou à língua grega moderna, que Faltas reproduziu o essencial do seu conteúdo numa série de três ou mais artigos publicados na revista árabe *Dirāsāt Abā’iyya wa-Lāhūtiyya* (Heliópolis-Cairo), nº 2 (1998) e seguintes.

ADEL SIDARUS
Évora/Lisboa

FREIDENREICH, David M. – Miriam GOLDSTEIN (eds.), *Beyond Religious Borders. Interaction and Intellectual Exchange in the Medieval Islamic World* (Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2012), 232 pp. ISBN: 978-0-8122-4374-1

Poder hablar de distintas creaciones literarias a través de una gran variedad de voces, distinguir entre ellas y evaluar su relación es, como cabe suponer, una tarea muy difícil de alcanzar – afirma Miriam Goldstein en la Introducción de esta obra. Los términos mismos que se usan para hablar de estas interacciones son tan diversos como distintas son las estrategias hermenéuticas de quienes investigan estos procesos: “Términos como ‘influencia’ y ‘recepción’ enfatizan la mediación de la ‘cultura del donante’; ‘apropiación’ y ‘adaptación’ enfatizan la mediación del grupo o de la cultura ‘adoptiva’; metáforas biológicas como ‘polinización cruzada’